

O IMPACTO DA ERA DA HORTELÃ NO SISTEMA ANTROPONÍMICO DE PALOTINA E MARIPÁ (PR)¹

THE IMPACT OF “ERA DA HORTELÃ” IN ANTROPONIMIC SYSTEM OF PALOTINA AND MARIPÁ (PR)

Jéssica Paula Vescovi²

Resumo: Dentre inúmeros aspectos que fornecem dados para o estudo da história de um local estão os nomes próprios de pessoas. A escolha antroponímica é reveladora da identidade de uma população e, até mesmo, de aspectos omissos pela história. Tendo em vista a grande importância da relação nomes próprios e história, o objetivo principal deste trabalho é revelar aspectos antroponímicos de um dos períodos de maior riqueza no oeste paranaense, a era da hortelã, ocorrida na década de 70, associando-os aos fatos históricos dos municípios e revelando a verdadeira identidade da população que habitava tais localidades. Para tanto, este estudo, de cunho quantitativo e qualitativo, basear-se-á em pesquisas de Backes (2008; 2009) e Reginato (1979) sobre a história local e nos postulados onomásticos apresentados por Dick (1992).

Palavras-chave: antroponímia; era da hortelã, oeste do Paraná.

Abstract: Among many aspects that give dates to study the history of a place, there is the personal proper names. The anthroponimic choice reveals the identity of a population and even the aspects that were omitted by the history. In view of the great importance of the relationship of personal proper names and history, the main goal of this work is to reveal antroponimics aspects of one of the richest periods in Paraná west , *A Era da hortelã* , which took place in the 70s. Besides of this, it is intended with this paper to relate the personal proper names to the historical facts of municipalities and to reveal the true identity of the population that inhabited these places. Therefore, this study of quantitative and qualitative nature, will be based on research Backes (2008; 2009) and Reginato (1979) on local history and in onomastic postulates presented by Dick (1992).

Keywords: antroponhym, mint period, Paraná West.

Introdução

Os nomes próprios são reveladores: reveladores de cultura, reveladores de ideologias, reveladores de crenças e, até mesmo, reveladores de idade. Evidenciando o interesse da

¹ As análises deste trabalho são baseadas em estudos feitos e apresentados por Vescovi (2015), que investigou aspectos antroponímicos dos municípios de Palotina e Maripá em sua dissertação de Mestrado.

² Mestre e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (UNIOESTE). Professora da Faculdade de Ensino Superior do Paraná (UESPAR) e professor colaboradora da UNIOESTE. Desenvolve pesquisas em lexicologia e retórica. E-mail: gilvescovi@hotmail.com

sociedade pelos nomes das pessoas, recentemente, pesquisas sobre este assunto foram encomendadas por grandes empresas. A Editora Abril, por meio da *Revista Superinteressante*, publicada em novembro de 2013, apresentou os nomes preferidos pelos brasileiros; o jornal *Gazeta do Povo* realizou um levantamento e, em fevereiro de 2014, apresentou os nomes preferidos dos paranaenses. Além disso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, em Janeiro de 2016, um levantamento dos nomes em cada localidade, sendo possível a consulta à frequência destes em cada década. A investigação dos nomes próprios, além de ser atual, é, também, um objeto que tem sua tradição, pois há notícias de pesquisas antroponímicas em 1927. Em levantamento feito no Portal de Periódicos Capes, encontrou-se artigo escrito por Holmes (1930) sobre o sistema antroponímico dos negros nos Estados Unidos, no qual há menção à tese de doutoramento de Karl Michaelsson, na Universidade de Uppsala, na Suécia, intitulada *Estudes sur lês Noms de Personne français d'apres lês Rôles de Taille Parisiens* (HOLMES, 1930, p. 464).

Há, portanto, além da curiosidade em descobrir os significados dos nomes, estudos científicos que tem como objeto de investigação os nomes próprios, sendo a disciplina que se dedica ao estudo dos nomes próprios a Onomástica, que é dividida em duas vertentes: a *Toponomástica*, voltada para os nomes próprios de lugares; e a *Antroponomástica*, que estuda os nomes próprios de pessoas, o que é apresentado e postulado por Dick (1992):

Enquanto os *topônimos* definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os *antroponimos* se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos, entre si, no conjunto dos agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos, assim constituídos, a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nomação de seus membros (DICK, 1992, p. 178, grifos da autora).

A partir do exposto por Dick (1992), é legítimo supor uma relação entre as características culturais peculiares à determinada comunidade social e a maneira pela qual seus integrantes são nomeados, relação que pode ser explicitada quando o estudo dos antroponimos é feito de maneira contextualizada historicamente. Observando o apresentado por Dick (1992) e os fatores históricos que contribuíram para o desenvolvimento do oeste do Paraná, este trabalho intenta associar estudos antroponímicos a um período histórico, a era da hortelã, de considerável influência, em dois municípios do oeste do Paraná, Palotina e Maripá.

1. A era da hortelã

Dentre as várias culturas agrícolas significativas para o desenvolvimento da região oeste do Paraná, destaca-se a cultura da hortelã. Ocorrido, principalmente, dos anos 1950 aos 1970, o cultivo da menta ocasionou o crescimento do número de migrantes nessa região. Em um primeiro momento, a vontade das colonizadoras era que o espaço do oeste do Paraná tivesse sua população totalmente constituída por sulistas, que possuíssem propriedades de terras e fizessem delas suas fontes de renda. Porém, o descobrimento de terras propícias para a hortelã deu início ao plantio desta cultura na região a qual, nas palavras de Reginato (1979),

Apresentou-se como uma das opções que acompanharam o desbravamento regional. Sendo exploração exigente, requer um solo rico em matéria orgânica e necessita de **muita mão de obra**. Encontrou em nossa terra condições adequadas para o seu rápido crescimento (REGINATO, 1979, p. 176, grifos nossos)

A grande necessidade da mão de obra no período da era da hortelã também é revelada por Backes (2009) por meio dos relatos obtidos junto aos colonizadores de alguns municípios da região oeste

Era preciso limpar a roça porque para o hortelã era melhor ter uma terra bem preparada. Observei, no relato que uma das principais características assumidas pelas plantações de hortelã era a preparação do solo, contando então com a derrubada da mata e a limpeza do terreno. Supostamente, ter uma terra “bem preparada” facilitaria também lidar com o plantio de hortelã, até a colheita, quando o corte da planta era feito manualmente com gadanhas (BACKES, 2009, p. 108).

O que se percebe, então, a partir do que foi apresentado por Reginato (1979) e por Backes (2007), é que, com o cultivo da hortelã e com os sulistas considerados latifundiários, fez-se necessária a presença de trabalhadores no plantio e na colheita da menta. Desta forma, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, o cultivo da hortelã trouxe um forte processo de migração para essa região do Paraná, contrariando as previsões feitas pelas colonizadoras da região, Pinho e Terra e Maripá, conforme é destacado por Backes (2007):

Não são aqueles “selecionados” pela colonizadora no sul do país para adquirirem terras na região, mas provenientes de outras regiões como do norte e do nordeste, os quais passaram a fazer parte do espaço agrícola até então planejado do Oeste do Paraná. As lavouras, dessa feita, irromperam um processo significativo de transformações socioculturais na região. Elas

utilizaram-se não somente das famílias sulistas, mas de trabalhadores vindos de outras regiões, principalmente os estigmatizados nortistas (BACKES, 2007, p. 3).

O intenso processo migratório ocorrido na região oeste do Paraná na “era da hortelã” fez com que os administradores das colonizadoras da região não conseguissem mais selecionar aqueles que seriam os moradores dos municípios afetados, ocasionando uma forte onda migratória que, nas palavras do estudioso, “permanece silenciada, pois se caracteriza como não pertencente ao projeto colonizatório” (BACKES, 2007, p. 8).

Assim como afetou a população de grande parte da região oeste, esse período também contribuiu para o crescimento demográfico da cidade de Palotina, o que é confirmado por Reginato (1979), que menciona que “nessa fase o município alcançou a sua maior densidade demográfica. O agricultor, que se dedicava a esta cultura, era na sua maioria, de origem nordestina” (REGINATO, 1979, p. 176).

O período da hortelã no oeste paranaense e suas influências já foi alvo de estudos em outros momentos: há a pesquisa de Backes (2009), que defendeu sua dissertação de mestrado em História acerca deste período nessa região, mais precisamente no município de Missal; e o trabalho de Busse (2010), cuja tese de doutorado trata, num viés dialetológico e geolinguístico, das influências da vinda dos migrantes nesse período na fala dos moradores dessa região. A seção seguinte aborda um aspecto investigado por Vescovi (2015) em sua dissertação de mestrado: a influência da era da Hortelã na antroponímia dos locais.

2. Os procedimentos metodológicos

A “era da hortelã” influenciou não só o desenvolvimento do município de Palotina, mas, também, a diversidade cultural de seus moradores. Como se tinha conhecimento a partir das leituras feitas e de conversas com a escriturária do cartório de registro civil de que a região teve uma forte inserção da população do sudeste e do norte, principalmente nos anos 1970, foram coletados mais dados no cartório de registro civil que estivessem relacionados a este período, portanto, caracteriza-se nos gráficos abaixo a população predominante na época e nos anos investigados, que condizem ao período de 1970 a 1975. Acredita-se que, por meio dos sobrenomes, é possível ter uma noção ainda mais ampla dos verdadeiros habitantes de um local e que, neste caso, não se pode desconsiderar sua etimologia.

Cumpra, antes das análises, alguns esclarecimentos de ordem metodológica. Para a realização deste trabalho, foram usados dados coletados nos cartórios de registro civil referentes aos 100 primeiros registrados, no cartório de Palotina, nos anos de 1957, 1970, 1971 e 1975, e, no cartório de Maripá, nos anos de 1966, 1976 e 1986, os quais foram registrados em fichas antroponímicas padronizadas (vide modelo abaixo), nas quais eram anotados os nomes dos registrados, dos pais, dos avós, do local de origem dos pais e dos avós e a data de nascimento. Para esse trabalho, contudo, apenas foram analisados todos os sobrenomes da ficha antroponímica, que foram classificadas de acordo com a etimologia dos sobrenomes encontrados, obedecendo a uma das seguintes categorias: italiana, quando todos os sobrenomes eram de origem ítala; germânica, tendo todos os sobrenomes de origem germânica; híbrida, fichas em que havia pelo menos um sobrenome de origem ítala ou germânica; e outras, quando o sobrenome não era de origem ítala ou germânica. Para a classificação da origem etimológica dos sobrenomes, foram utilizados o dicionário etimológico de Guérios (1981), o site *Heraldry Institute*³, no qual há menção às origens dos sobrenomes, relatos das registradoras dos cartórios e informações do livro de Reginato (1979).

Tabela 1: Modelo de ficha antroponímica.

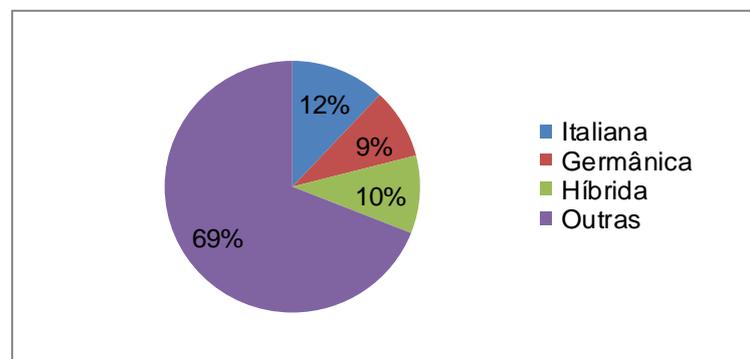
Nome próprio registrado no Cartório Civil da Comarca de Palotina			
LIVRO NO.	FOLHA	MÊS	ANO
¹ Nome do pai			
² Naturalidade do pai			
³ Nome do pai do pai			
⁴ Nome da mãe do pai			
⁵ Nome da mãe			
⁶ Naturalidade da mãe			
⁶ Nome do pai da mãe			
⁷ Nome da mãe da mãe			
⁸ Data da Coleta			
Coletado por			

3. A era da hortelã e os sobrenomes dos moradores de Palotina

³ Disponível em <<http://www.heraldrysinstitute.com/>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

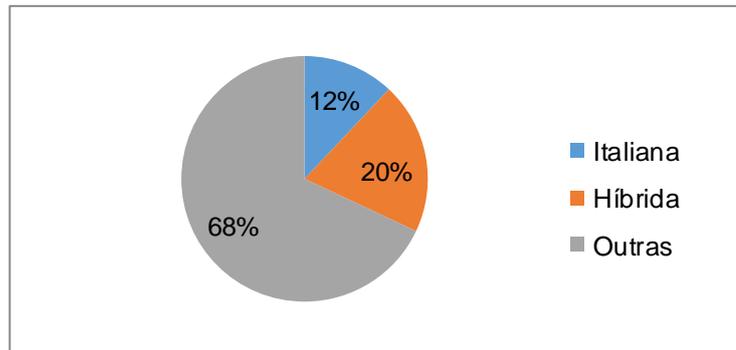
No ano seguinte, 1971, houve uma pequena queda no número de registrados com sobrenomes de outras origens que não a ítala e a germânica, havendo, então, um aumento nos sobrenomes alemães e um considerável aumento nos sobrenomes italianos, sendo, neste período, 22% dos registrados de origem italiana ou com um sobrenome italiano na ficha antroponomástica, conforme pode ser visualizado no gráfico 3. Verifica-se, tanto neste gráfico como no anterior, um percentual elevado de outros sobrenomes, o que pode ser atribuído à era da hortelã.

Gráfico 3 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Palotina em 1971



No ano de 1975, conforme se verifica no gráfico 4, as fichas antroponomásticas com sobrenomes germânicos desapareceram e houve aumento do número de registrados com sobrenomes ítalos: de 22%, em 1971, para 32%, em 1975. Esta mudança na antroponímia é correlata à outra: o plantio da hortelã começava a dar espaço para o plantio de cereais, como a soja e o milho.

Gráfico 4- Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Palotina em 1975



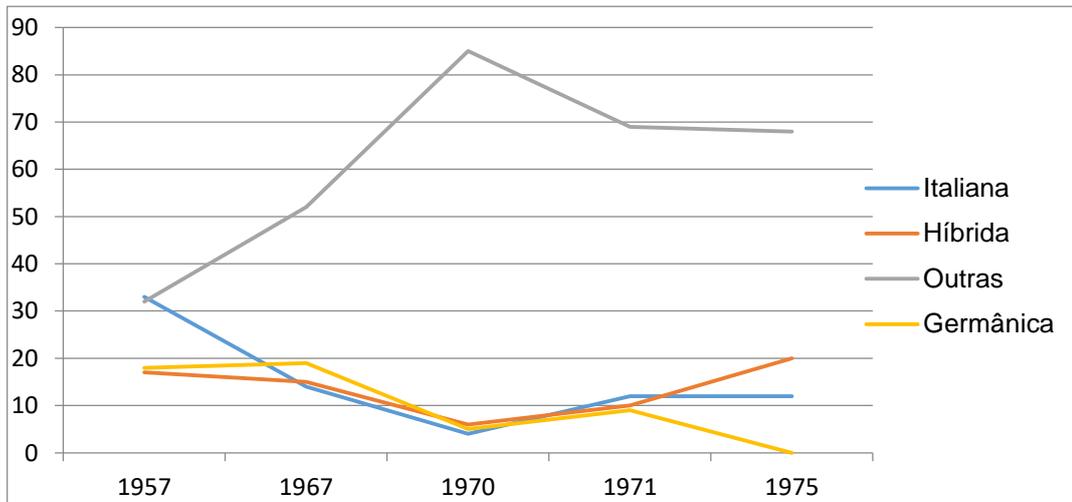
Os gráficos apresentados condizem às informações já mencionadas por Reginato (1979) sobre o período:

A cultura da menta acelerou o desbravamento da mata. Firms compradoras instalaram postos de compra entre nós, e em muitos casos mantinham a produção sob contrato de financiamento monetário e de produtos fitossanitários com os agricultores [...] Mas colocava o agricultor numa dependência total do comprador [...] O óleo da menta provou o seu auge no início dos anos 70. Mas logo decresceu, para desaparecer em cinco anos. Este ciclo acompanhou a suinocultura e foi paralelo à corrida da mecanização agrícola, para logo extinguir-se (REGINATO, 1979, p. 176-177).

É possível verificar, no gráfico 5, que, dentre as famílias com outras ascendências, há um ligeiro crescimento de 1957 a 1970 e uma pequena queda de 1971 a 1975. Por outro lado, observa-se, também, que os sobrenomes italianos predominantes em 1957 diminuíram ao longo do tempo e que os sobrenomes germânicos, consideravelmente presentes nesta época, sumiram com o passar dos anos, o que está diretamente atrelado ao fato dos registros de Maripá serem feitos, até 1966, no município de Palotina e, depois desta data, serem feitos na própria vila, que, de acordo com informações históricas, concentra um maior número de alemães.

A partir destas informações, traça-se, no gráfico 6, um delineamento das análises feitas até então com o intuito de comparar as diferenças encontradas em cada período no município de Palotina.

Gráfico 5 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores Palotina no período de 1957 a 1975



Com base no gráfico acima, percebe-se que a “Era da hortelã” acarretou algumas mudanças na antroponímia da cidade de Palotina, principalmente no que diz respeito aos sobrenomes dos registrados, os quais indiciam as famílias que habitavam a cidade. Ora cumpre retomar os dados fornecidos pelo censo demográfico, obtidos através do IBGE. Enquanto, em 1960, a cidade tinha menos de 3.500 habitantes, em 1970, a cidade chegou a alcançar o marco de mais de 43.000 habitantes, a grande maioria para trabalhar no plantio da hortelã, como já exposto. Era de se esperar, portanto, que houvesse, nessa época, um maior crescimento de famílias oriundas das regiões norte e nordeste, tendo em vista que, conforme já apresentado por Reginato (1979), era dessas regiões que vinham as famílias para trabalhar na era da hortelã. Além disso, outro fato interessante de se ressaltar é que, certamente, em 1957, haveria mais italianos do que portugueses/brasileiros na comunidade, uma vez que este foi o período de colonização do município.

4. A era da hortelã e os sobrenomes dos moradores de Maripá-PR

Com relação aos sobrenomes mais frequentes em Maripá, a então vila também tinha considerável número de moradores com outra ascendência que não a germânica. Isso vem ao encontro do apresentado pelos autores do livro “Maripá e sua história”, Yurkiv e Ribeiro (2001), quando mencionam que nas décadas de 1960 e de 1970, a vila foi grande produtora da menta, o que atraiu para a região inúmeros trabalhadores vindos de outras regiões que não o sul do país. É possível observar, no gráfico 7, que mesmo com o plantio da hortelã, a

população de Maripá, em 1966, é predominantemente germânica, com mais de 70% dos registrados tendo, no mínimo, um sobrenome alemão no registro de nascimento.

A mesma situação se repete no ano de 1976, quando a região ainda apresentava algumas lavouras com plantio da hortelã. Neste ano, como se observa no gráfico 8, 30% dos registrados tinham sobrenomes de outra ascendência e 70% eram alemães, ou tinham, no mínimo, um sobrenome alemão em seus registros. É importante ressaltar que houve um aumento de 8% nos registros híbridos, o que demonstra que houve aumento do relacionamento entre famílias germânicas e famílias não germânicas.

Gráfico 7 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1966

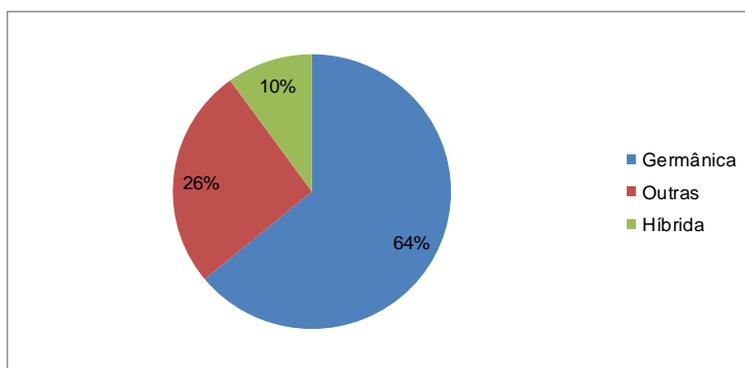
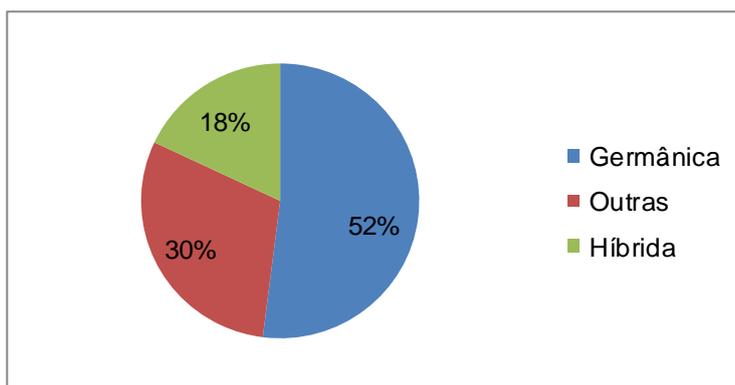


Gráfico 8 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1976

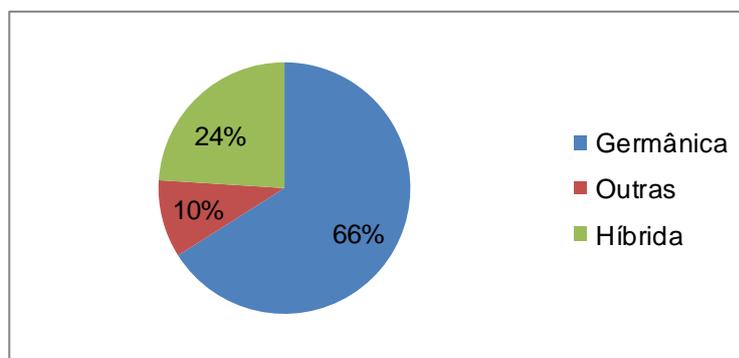


Os dados relativos às décadas de 1970 e 1980 apresentaram considerável número de fichas híbridas dentre os 100 primeiros registrados e isso pode ser atribuído ao período do

plântio da hortelã nas comunidades estudadas. No ano de 1986, conforme pode ser verificado no gráfico 9, houve uma diminuição significativa de sobrenomes de famílias de portugueses e/ou brasileiros: uma redução de 30% em comparação a 1976. Este é um indício de que, em Maripá, não houve permanência dos chamados “nortistas”, ao contrário do que se verificou em Palotina, hipótese que se comprova com os dados de 1986. Neste ano, predominam sobrenomes de origem germânica, sendo que 90% dos registros apresentam, no mínimo, um sobrenome germânico em seus registros, o que comprova a ideia da tradição alemã na cidade estudada.

Com base nos dados expostos, pode-se dizer que o período da hortelã afetou diretamente as duas comunidades, pois foi um período que trouxe moradores temporários às comunidades. Porém, chama atenção o fato de que vários sobrenomes não existentes nas comunidades até então começaram a fazer parte dos registros de anos posteriores, o que pode confirmar a ideia de que muitos moradores que vieram para o trabalho com a menta permaneceram nos locais.

Gráfico 9 - Etimologia dos sobrenomes dos moradores de Maripá em 1986



Assim como se pôde observa nos gráficos apresentados acima acerca do período da hortelã em cada comunidade, constata-se que, enquanto em Palotina de 1970 a 1975, houve entre 68% e 85% de registros com outras etimologias de sobrenomes, que não as italianas e as germânicas, em Maripá, no período de 1976 a 1986, houve, apenas, de 10% a 30% de registros com sobrenomes de outras etimologias. Nesse sentido, com a análise dos dados,

pode-se afirmar que o período da hortelã teve mais impacto na antroponímia de Palotina do que em Maripá.

A partir do exposto acerca do período da hortelã em cada local, é possível afirmar que, mesmo em proporções diferentes, o período migratório para o plantio da menta, tanto em Palotina quanto em Maripá, foi um fator que marcou a história dos municípios, tendo em vista que foi a partir deste cultivo que inúmeras famílias migraram para essa região, o que influenciou diferentemente a antroponímia no que concerne a questão dos sobrenomes de cada município.

Considerações Finais

A história de uma comunidade pode ser comprovada por meio dos dados antroponímicos. É o que mostram os resultados atingidos por esta pesquisa, que faz parte de uma maior. No município de Palotina foi possível correlacionar as mudanças antroponímicas com as informações sobre a história do município. Houve presença significativa de sobrenomes de outras etnias que não a ítala e a germânica no período da hortelã, considerado um dos períodos de maior riqueza no local. Além disso, refutando o pressuposto de se ter maior presença de italianos na comunidade, mesmo os sobrenomes de etimologia ítala estando presente no local em todos os períodos, prevalecem sobrenomes de outras etimologias que esta.

Ainda com relação ao período da hortelã, a vinda de novos moradores para o local implicou na introdução de novos prenomes no sistema antroponímico local, o que foi estudado e apresentado por Vescovi (2015), indicando haver uma estreita relação entre a migração e a evolução da antroponímia palotinese.

Contudo, ressalta-se que esses são os primeiros estudos sobre a antroponímia da região oeste e intenta-se, a partir destas constatações, observar outros aspectos que relacionam, diretamente, nomes e história, uma associação passível de comprovações das reais condições de cada local.

Referências

BACKES, Gilson. *As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960-2009)*. Marechal Cândido Rondon, 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon – PR, 2009. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/6/TDE-2009-08-29T070501Z-341/Publico/Gilson%20Backes.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2014.

_____. Narrativas e memórias: os trabalhadores do ciclo hortelaneiro (Oeste do Paraná, 1960-1970). In: *Anais do IV Encontro Regional Sul de História Oral: Culturas, Identidades e Memórias*, Florianópolis, 2007, p. 01-08 (Anais Eletrônicos). Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Gilson%20Backes.pdf>>- Acesso em: 10 jun. 2014.

BUSSE, Sanimar. *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná*. Londrina, 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1992.

GAZETA DO POVO. *Paranaenses preferem nomes clássicos*. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1445873&tit=Paranaenses-preferem-os-nomes-classicos>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HOLMES, Urb T. *A study in negro onomastics*. [S.l: s.n.], 1930. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/452375?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104883549857>>. Acesso em: 20 out. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censos Demográficos. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

REGINATO, Pedro. *História de Palotina*. Santa Maria: Palloti, 1979.

SUPERINTERESSANTE. *Os nomes preferidos do Brasil*: os nomes que os pais escolhem para os filhos entregam muita coisa sobre a história do país. Novembro, 2013.

VESCOVI, Jéssica Paula. *Prenomes e sobrenomes em Palotina-PR e Maripá-PR*: um estudo comparativo. 2015. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

Recebido em 24.11.2016

Aprovado em 01.02.2017